

Uma viagem pelas trilhas do objeto específico da psicanálise

Maria Laurinda Ribeiro de Sousa

Resenha de Flávio Ferraz, *Desafios epistemológicos para a psicanálise. Ensaios psicanalíticos III*, São Paulo, Blucher, 2025, 200 p.

Na orelha escrita para este livro, Teresa Pinheiro anuncia um dos efeitos provocados pela sua leitura: “temos a impressão de sermos levados pela mão, e o caminho que poderia ser tão difícil se torna prazeroso e instigante”. Foi essa a experiência que reverberou em mim; encontrei-me com um autor que me conduzia por trilhas conhecidas, mas que inesperadamente apontava para detalhes que demandavam paragem e cuidado para examinar uma outra forma de compreensão e precisão. Delicadeza própria de quem está às voltas com o trabalho de pesquisa e transmissão.

Tenho com Flávio, além da parceria no trabalho da formação de analistas, o interesse pela culinária (arte que ele também desenvolveu, apresentando-nos com a escrita de vários livros com as comidas especiais de cada região deste país) e, também, o encanto com certas viagens por regiões

que nos convidam à aventura de descobertas geográficas e arqueológicas, como foram, por exemplo, as trocas que fizemos a respeito da Serra da Capivara e das pesquisas ousadas de Niède Guidon. Foi, de um jeito um pouco transgressivo e surpreendente para mim, que essas trocas me fizeram companhia na leitura destes desafios epistemológicos enunciados por ele na teoria, na clínica e na transmissão da Psicanálise.

Se a arqueologia revela uma paixão pela descoberta de vestígios da origem, vestígios que nos contem uma história de nossa ancestralidade, há também um desconhecimento em suspenso. Um desconhecimento que deixa o campo aberto para novas construções. Niède afirmou, ao descrever uma região que estava sendo explorada, que uma parte desse território não seria escavada, pois ela acreditava que a arqueologia futura poderia ter novos instrumentos e novos olhares que permitissem outras investigações. Ela acreditava, portanto, que seria necessário um longo tempo para analisar o que fora escavado e um outro período para novas descobertas.

Essa mesma atitude pode ser pensada para o que é próprio do movimento psicanalítico desde sua origem: a preocupação de Freud em nomear e apontar para um novo campo de saber, considerando e ao mesmo tempo rompendo com o que era conhecido na sua época. Um campo de saber capaz de delimitar um novo objeto, um objeto psíquico, que não pode ser reduzido a nenhuma materialidade, como Flávio enuncia e enfatiza ao longo de vários destes capítulos, e, portanto, com uma epistemologia que é própria da Psicanálise e precisa ser reconhecida. Um campo de saber que não é fechado, deixando espaço para a irrupção do desconhecido, para novas abordagens e descobertas¹.

Dizer que o objeto da psicanálise é *objeto psíquico*, objeto da pulsão, objeto da objetividade e não da objetividade, objeto da sexualidade e não da conservação, é demarcar, como apontou Renato Mezan, que não se trata de um objeto material – como o das ciências duras, de um objeto ideal como o das matemáticas, ou de um objeto cultural como propõem as ciências sociais. Definir um objeto próprio demanda uma epistemologia própria e é sobre

¹ No capítulo 4, “Psicanálise e pragmática da linguagem”, Flávio discute a diferença entre a Arqueologia e a Psicanálise; o que me interessa aqui é marcar uma certa atitude ética presente nos dois campos.

Maria Laurinda Ribeiro de Sousa é psicanalista e escritora. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e do Núcleo Semente – Saúde Mental e Direitos Humanos Relacionados ao Trabalho.

isso que Flávio insiste nos diferentes olhares que faz sobre o campo da psicanálise.

O objeto psíquico, novidade introduzida pela psicanálise, não coincide com o objeto da psicologia, uma vez que *é apenas na experiência da transferência que se manifesta, o que torna sua ocorrência um evento particular da situação analítica* (p. 12).

Como se pode deduzir, não se trata de um objeto encontrável nas escavações arqueológicas, ou nas escavações do inconsciente, mas um objeto criado no *setting* específico da situação analítica; encontrável na situação vivida da transferência. Por decorrência, podemos afirmar que a epistemologia da psicanálise – a construção de seus conceitos, teorias e hipóteses – não é, de forma alguma, dissociável da experiência da análise.

Piera Aulagnier afirmou certa vez que todo analista escreve e teoriza por algo que lhe diz respeito, que lhe faz sentido. Essa lembrança me ocorreu ao ler o que Flávio demarcou no início de sua introdução, anunciando assim um texto autoral, encarnado:

Não pretendo enumerar sistematicamente todos os desafios enfrentados pela psicanálise ao longo da história. As considerações que farei decorrem, de modo desprezioso, das inquietações que encontro na constituição de meu próprio entendimento da disciplina, bem como das dificuldades que enfrento no ofício da clínica e na labuta com a transmissão. Baseiam-se, confessadamente, em minhas predileções teóricas e estéticas e em minhas crenças éticas (p. 15).

Fica explícita a construção de um saber próprio que, como Laplanche propõe, faz “Freud trabalhar”. Um trabalho que se faz no ato da clínica, da teoria e da transmissão. E que se detém para precisar os desafios que essa prática nos propõe. Os autores a que recorre – e são muitos – comparam no texto para afirmar certas descobertas freudianas ou para avançar, fazer trabalhar o texto, para encontrar novas respostas a certos impasses propostos pela teoria e pela clínica.

Gosto do termo proposto por Flávio: desafios – porque aponta para o imprevisível, para os impasses, para as adversidades; para o que nos convoca pensamento, revisão do já conhecido, temporalidade. Mas, paradoxalmente, para aquilo que também pode nos convocar a respostas e atos impensados e dos quais só podemos falar *a posteriori*. São acontecimentos próprios do campo da transferência e da contratransferência. Mais estritamente, podemos dizer que a situação clínica é sempre um desafio: “ela não se estabelece de maneira definitiva, mas precisa ser mantida ou reinstaurada, continuamente pelo trabalho psíquico do analista”². E se sustentamos o ideal de que cada analista se construa em sua singularidade, portador de um estilo próprio e único, isso não o isenta de observar os pontos inegociáveis da psicanálise, como já afirmado por Ana Sigal, ou os aspectos universais do funcionamento psíquico, como destacou Renato Mezan.

Retomemos a ideia de *trabalho* para anunciar alguns dos desafios levantados por Flávio. Imaginem-se descobrindo paisagens, como fazemos na visita a lugares não tão conhecidos.

Se recorre a Laplanche para descrever a construção necessária daquilo que marca a constituição fundante do sujeito – sua situação antropológica fundamental – que o deixa entregue aos significantes enigmáticos inconscientes lançados por um outro, essa construção também o guia para a solução do impasse da transmissão transgeracional. Impasse decorrente da afirmação de Freud de que haveria experiências incorporadas pelo id que se tornam patrimônio biológico transmissível de uma geração a outra. A ideia dos significantes enigmáticos, portando o desejo do outro e produzindo as marcas constitutivas do sujeito pulsional, nos conduz para outros caminhos, desviados da biologia, sem, no entanto, retirar dela seu lugar, preservado como base instintual, tal como afirmava Laplanche.

A problemática da passagem da ideia de objeto da pulsão para objeto fonte da pulsão, e todas as questões acerca da escolha do objeto sexual e da identidade sexual, que se dá de maneira solidária à escolha do objeto, nos convocam mais atenção.

Uma pergunta fundamental se instaura: seria possível falar de escolha de objeto, ou seria mais pertinente pensar numa implantação do objeto?

Escolha pressuporia outro engano conceitual, geralmente veiculado pelo emprego da expressão *identificar-se com*. Já o termo *implantação* conecta-se harmoniosamente com a expressão *ser identificado por...* Há outra conclusão importante que diz respeito ao aspecto inconsciente da mensagem dirigida pelo adulto à criança. Reitero: o significante é enigmático tanto para o receptor quanto para o emissor. Disso desdobram-se consequências fundamentais. Uma delas é que não se pode determinar conscientemente o rumo a ser tomado pela identificação sexual e, outrossim, pelo desejo (p. 70).

Há aqui um desenvolvimento minucioso, acompanhado da leitura de Laplanche, Ribeiro e Stoller, mostrando a legitimidade da fonte original da pulsão, que não estaria no somático, mas antes no próprio objeto; logo, o objeto seria fonte da pulsão. Texto generoso que nos permite acompanhar os passos da subversão inaugural de Freud, seus impasses e as novas construções possibilitadas por psicanalistas pós-freudianos.

Nos desafios epistemológicos na clínica, lugar de destaque é dado à história da transferência e da contratransferência. Os princípios éticos estão presentes na discussão da abstinência, da neutralidade do analista e nos critérios de analisabilidade. Critérios que levantam interrogações específicas quando a clínica se abre para novas configurações do sofrimento psíquico e onde a transferência e a contratransferência adquirem outras modalidades como, por exemplo, no caso das somatizações ou dos restos não discursáveis da experiência, próprios do universo pré-verbal

ou não verbal dos sujeitos³. Aqui, a conduta clínica pauta-se pela busca por vestígios de linguagem ou de afetos que possibilitem caminhos de simbolizações e pela sensibilidade da escuta do que Bollas entende como *o vivido não pensado* e que se apreende na contratransferência.

A mesma busca se apresenta na discussão do lugar teórico e clínico da pulsão de morte na perversão (capítulo 2). Em suas manifestações, põe-se de relevo a violência dos ataques ao mundo externo, ao corpo ou à própria tópica num circuito de animação em que os ataques impedem a representação, e a falta desta aumenta as possibilidades reiteradas dos ataques. Num exemplo clínico, apresentado ao final desse capítulo, Flávio questiona o critério de “consentimento” do objeto para certas práticas sexuais como demarcador do que seria ou não do campo da perversão. Nesses casos, diz ele, apesar do consentimento, evidencia-se a descarga violenta da pulsão e a coisificação do objeto. É esse grau de objetividade na perversão que a situa a meio caminho entre a neurose e a psicose, estabelecendo-se, na situação clínica, uma modalidade específica de transferência. Tema já amplamente discutido por ele em outras produções, e que o conduz à afirmação de que a perversão é uma defesa contra a psicose; uma defesa contra a desestabilização da tópica⁴.

Caminheemos, então, para outro desafio: o da forclusão e a radicalidade da experiência psicótica (capítulo 3), em que o autor se pergunta, frente a um convite para escrever sobre as *Figuras do extremo* (publicado pela Blucher), o que haveria em sua clínica capaz de incitá-lo a escrever sobre isso. A escolha recaiu sobre o que define como o extremo da experiência psíquica: a psicose. Extremo tanto para o analista quanto para o sujeito que a experiencia. Segue-se um desenvolvimento mostrando os vestígios arcaicos da forclusão, tornando claro que essa defesa não é estranha aos primórdios da vida psíquica e aparece, também, nas experiências neuróticas e na psicopatologia da vida cotidiana. Esse apontamento anuncia a possibilidade de escuta para o sofrimento radical da psicose: assim como é

2 L.C. Menezes, “Prefácio”, in P. Fédida, *Clínica psicanalítica*. São Paulo, Escuta, 1988, p. 16-17.

3 No capítulo 5, “Limites da discursividade e contratransferência”, Flávio trabalha poeticamente com o debate sobre as relações entre a experiência psíquica e a linguagem, apoiando-se no trabalho filosófico de Susanne Langer e de autores pós-freudianos, discutindo amplamente a complexidade do valor da contratransferência nessas situações clínicas.

4 O desenvolvimento dessa temática encontra-se em F. Ferraz, *Tempo e ato na perversão. Ensaios psicanalíticos I*. 3. ed. rev. ampl. São Paulo, Blucher, 2023.

possível pensar nos vestígios da forclusão inicial, também se pode pensar, a favor da clínica, nos vestígios das relações objetais.

O capítulo sobre a Psicanálise e a Pragmática da Linguagem traça uma conversa especial com Jurandir Freire Costa, um autor que marca sua história pessoal e que faz parte significativa da história da psicanálise⁵. Texto complexo que parte da proposta de apontar a pragmática da linguagem como fundamento possível tanto para a teoria do sujeito quanto para o método psicanalítico, podendo, segundo Jurandir, conviver teoricamente com a psicanálise com expressivos ganhos éticos. Na avaliação de Flávio essa proposta se acha mais afinada com as exigências que a psicanálise enfrenta na atualidade, especialmente no que tem sido definido como afirmações identitárias. Isso se evidencia, por exemplo, em certas formas de auto-descrição alienantes que se alinham ao que, em psicanálise, se denomina *compulsão à repetição*, tendo, portanto, efeitos traumáticos. Vislumbra-se aqui um trabalho sensível que possibilite outras formas de autodescrição, apoiadas necessariamente pelas transformações do discurso cultural. Temos nessa proposta um nó a ser trabalhado na clínica: como criar novas autodescrições naquilo que, por ser traumático, é indizível?

Ao discutir as particularidades da formação do analista (capítulo 6), Flávio resgata sua fala num encontro inusitado entre representantes de três instituições de formação: Marina Massi representando a Sociedade Brasileira de Psicanálise, Antonio Quinet representando o pensamento laciano e Flávio representando o grupo de professores do Departamento de Psicanálise do Sedes. Em suas palavras: “um projeto institucional de formação tem de se alicerçar em fundamentos epistemológicos que envolvam o *objeto* da psicanálise, o fazer analítico, a formação do analista e as condições institucionais que permitam seu funcionamento” (p. 167). Retoma, portanto, o tripé clássico: estudo teórico, supervisão

e análise pessoal, acrescido de um quarto fator: a vida institucional, alertando para o lugar analítico e ético dessas posições, considerando que o analista corre sempre o risco de se ver enredado em demandas narcísicas e em engodos dos jogos de poder; situações em que o lugar do terceiro se vê abolido em favor da dualidade idílica.

Nessa discussão, assim como no capítulo final, transmissão via inconsciente, um lugar de destaque é dado ao que se enuncia ao longo destes capítulos: a especificidade do objeto da psicanálise, o *objeto psíquico*, que demanda uma epistemologia própria e cuja transmissão é um dos desafios mais complexos na formação do analista.

Ao término da leitura prazerosa e instigante destes *Ensaio*s, no encontro com a diversidade de referências tão cuidadosamente apontadas por Flávio Ferraz, com o desenvolvimento de seus assinalamentos, e com o reconhecimento de seus escritos, seu trabalho de editor, seu papel na formação e transmissão, lembrei-me da pergunta feita por Décio Gurfinkel em seu livro *Relações de objeto*: a partir de qual ponto novas ideias transformam os fundamentos da disciplina a ponto de descaracterizá-la?

Penso que o livro de Flávio responde precisamente a essa questão e esse é um de seus valores. A tentativa de identificar o núcleo próprio da metapsicologia com suas invariantes, do cuidado em sustentar o que fundamenta sua epistemologia e seu objeto específico, revela ainda a aposta, feita por ele, de que a Psicanálise terá como fazer frente às novas modalidades de sofrimento psíquico reveladas pelas transformações socio-culturais: as questões do racismo, as questões de gênero, as novas organizações familiares, o mal-estar decorrente da precarização da vida e do fascismo que se expande no mundo contemporâneo.

Desejo que esta breve apresentação, que deixou em suspenso outras vias a serem exploradas, seja entendida como um convite ao prazer da leitura destes *Desafios epistemológicos para a psicanálise. Ensaio*s psicanalíticos III e à experiência de ter em Flávio um bom guia de viagem pelas trilhas da psicanálise.

5 Os encontros de Flávio com Jurandir e sua obra estão apresentados na coletânea organizada em homenagem a Jurandir: *Pensar o sujeito, agir no mundo*. São Paulo, Blucher, 2024.